

A CIDADE NA CIVILIZAÇÃO MIDIÁTICA AVANÇADA: glocalização, dromocratização e transpolitização da experiência urbana contemporânea¹

TRIVINHO, Eugênio

Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS-PUC/SP); Coordenador Geral do CENCIB - Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura nessa instituição
eugeniotrivinho@uol.com.br

RESUMO

O artigo explora três dos processos vetoriais mais importantes da profunda mutação antropológica da vivência da cidade: o *glocal*, a *dromocracia* e a *transpolítica*, bem como os seus derivativos, a *glocalização* e a *dromocratização* da existência individual e coletiva e a *transpolitização* das tendências do social contemporâneo. Moduladores heterodoxos da experiência urbana - ainda pouco explorados pela reflexão teórica -, tais processos matriciais, ao pressuporem, no centro da questão, as tecnologias e redes comunicacionais (de massa e interativas), explicam, por sua vez, três dos fenômenos mais importantes (e impressionantes) em relação à cidade (como invenção social-histórica e equipamento urbanístico e arquitetônico legado) e à vivência atual do *environment* cidadão: a) a reinvenção do espaço no contexto de acesso às redes de comunicação [*glocalização fractalizada do território*], b) a conversão da cidade em fluxos de passagem (por espelhamento no tráfego de informações nas redes) [*dromocratização urbana*] e c) o despovoamento dos logradouros da cidade - lugar por excelência da ação política e do sujeito coletivo - em prol de novos redutos de sociabilidade urdidos e engalanados por forte concentração publicitária e comercial (*transpolítica do desinvestimento no social herdado*).

Palavras-chave: Civilização mediática. Cidade glocal.

1 NOTA INTRODUTÓRIA

A proliferação social de vetores de aceleração tecnológica da vida cotidiana e a banalização dessa aceleração como valor inquestionado protagonizaram uma mutação antropológica inédita na racionalidade e na sensibilidade com as quais e pelas quais se desdobra o modelo predominante de vivência da e de relação com a cidade. A percepção de que a comunicação eletrônica é hoje o *epicentro descentrado* desse processo converteu-se em conhecimento corrente. Não obstante, o profundo impacto da emergência social-histórica da comunicação na experiência da condição urbana ainda está para ser mais bem compreendido e, sobretudo, levado às últimas conseqüências teóricas.

A presente reflexão explora, sob o ponto de vista da categoria da crítica, três dos processos vetoriais mais importantes que estão na base dessa problemática: o *glocal*, a *dromocracia* e a *transpolítica*, bem como os seus derivativos, a *glocalização* e a *dromocratização* da existência individual e coletiva e a *transpolitização* das tendências do social contemporâneo. Moduladores heterodoxos da experiência urbana - ainda pouco explorados pela reflexão teórica -, tais processos matriciais, ao pressuporem, no centro da questão, as tecnologias e redes comunicacionais (de massa e interativas), explicam, por sua vez, três dos fenômenos mais importantes (e impressionantes) em relação à cidade (como invenção social-histórica e equipamento urbanístico e arquitetônico legado, mormente pelo iluminismo e pelo liberalismo do século XVIII) e à vivência atual do *environment* citadino:

- a reinvenção do espaço no contexto de acesso às redes de comunicação [*glocalização fractalizada do território*],
- a conversão da cidade em fluxos de passagem (por espelhamento no tráfego de informações nas redes) [*dromocratização urbana*] e
- o despovoamento dos logradouros da cidade - lugar por excelência da ação política e do sujeito coletivo - em prol de novos redutos de sociabilidade urdidos e

engalanados por forte concentração publicitária e comercial (*transpolítica do desinvestimento no social herdado*).

A apreensão teórica mais completa e consistente dessa mutação antropológica, social e perceptiva somente se faz possível, fundamentalmente, mediante aposta em um novo mapa epistemológico, com o objetivo precípuo

- de tensionar a doxa teórica vigente e de lhe vigorar como alternativa, em prol da desconstrução de mitos correntes, sob pena de afirmação da demissão intelectual diante do desafio representado pela condição do presente; e
- de contribuir para que a transformação do estatuto da cidade na civilização mediática avançada (aquela referente à cibercultura como época histórica, para bem longe da lógica da cultura de massa) - acontecimento que se irradia para a posteridade remota - não seja vivida sob a menor taxa de consciência.

2 O FENÔMENO GLOCAL: DROMOCRATIZAÇÃO E GLOCALIZAÇÃO DA VIDA HUMANA

O fenômeno glocal compreende a mescla inextricável entre o conteúdo global da rede (fincado em imperativos de mercado) e o espaço local de socialização e reprodução da existência cotidiana (então convertido em contexto de recepção e transmissão do conteúdo global) (TRIVINHO, 2001b, 2005a). O que pertence ao global e o que pertence ao local passam a existir em via única, urdida e sustentada por mediação da infraestrutura tecnológica em rede. O fio condutor entre as duas dimensões é o tempo real, tempo instantâneo, tempo totalitário, aglutinador da miríade de tempos ordinários dos espaços locais, em favor de um dia tecnológico eterno, irreversível e insondável - o dia falso do universo comunicacional (VIRILIO, 2002).²

O glocal é fenômeno típico de nossa época. Sua epopéia começa com a primeira máquina de transmissão unilateral instantânea (o telégrafo elétrico), atinge a sua saturação de massa (com o rádio e com a televisão) e se diversifica, se personaliza e se reescala em sua versão interativa (com a Internet) (TRIVINHO, 2001b). Em outras palavras, nasce, a rigor, no início do século XX e se consolida no caudal da aceleração econômica, tecnológica, militar e mediática do período posterior à Segunda Guerra Mundial.

Embora essencialmente vinculado à fase mediática da história do capitalismo, o glocal é, antes de tudo - na perspectiva de uma fenomenologia sociodromológica da história (VIRILIO, 1995, 1996; TRIVINHO, 2005b) - produto sociocultural do desenvolvimento dos vetores de aceleração técnica e tecnológica da vida humana.

Não obstante, o glocal não é somente um contexto de recepção de produtos culturais mediáticos e do outro ou de interação com eles. A visão positivista,

funcionalista e empirista sempre tende a depreciar a complexidade dos fenômenos. O glocal envolve, antes de tudo, uma experiência antropológica de época - o modelo padrão e predominante de existência na civilização mediática. Sua função histórica e cultural, bem como sua importância social vão além do contexto eletrônico da comunicação. Assim como a mercadoria está para o capitalismo, o glocal está para a civilização mediática, com o detalhe de esta não constituir processo macrosocial distinto daquele, antes lhe sendo fase histórica e tecnológica determinada. O glocal é o equivalente geral, a moeda de troca, dessa civilização. Compra-se - consciente ou inconscientemente - o glocal ao se aderir, com a informalidade da audiência típica, à agenda dos *media* de massa ou dos portais no *cyberspace*.

Nessa perspectiva, a categoria do glocal lança luz sobre uma série infinita de fenômenos, eventos, práticas, processos e tendências atuais. Todos - inclusive a transpólitica (nos termos adiante assinalados) - não são senão, na verdade, reverberações diretas ou indiretas da fusão entre vetores dromocráticos e processo de glocalização, *vis-à-vis*, (reverberações) da glocalização social-histórica irreversível desses vetores - dromocracia glocal (TRIVINHO, 2005b).³

O glocal permite e fundamenta aquilo de que a teoria social contemporânea e os discursos institucionais e corporativos vêm erroneamente considerando como processo hegemônico nas últimas duas décadas, a saber, a globalização econômica e financeira. O glocal é potência de conversão mediática do mundo em dados e de irradiação desterritorializada destes para todos os espaços indexados pela imaterialidade eletromagnética organizada. Ele condiciona e modula o processo de “planetarização” corrente dos negócios em escala regional, nacional e internacional, isto é, (condiciona) a interdependência fatal de países, corporações, governos, grupos e indivíduos, de maneira tal que um evento (sobretudo se danoso), processado alhures, repercute, instantaneamente, em algum grau de intensidade, em todos os principais rincões do mundo, hegemônicos ou não. Vale enfatizar (o que, por óbvio, deveria ser postulado explícito e central): não haveria globalização econômica e financeira (no sentido convencional e predominante do termo, como planetarização tecnológica da produção e comercialização da riqueza material e imaterial, como tal depreciadora das fronteiras nacionais), sem a existência basilar do fenômeno glocal.

Princípio original de fusão compulsória, que representa a indexação tecnológica do local em prol do global, o glocal é a fonte de todas as mesclas ulteriores, a saber, entre o imaginário e o real, entre o público e o privado, entre o próximo e o distante, entre o centro e a periferia, entre o interior e o exterior, entre o movimento e a paralise, até entre a guerra e a paz, e assim por diante - mesclas características de

uma cultura que sabidamente não corresponde à lógica da modernidade. A cultura historicamente condicionada e socialmente protagonizada e promovida pelo glocal - a cultura da civilização mediática - é a pós-moderna (HARVEY, 1992; JAMESON, 1997; TRIVINHO, 2001a): fragmentação e excesso indiscriminados (o que representa anti-totalidade permanente), hibridações (à diferença da dialética dos pólos opostos), fugacidade (contra a lógica do tempo da percepção definida e da racionalidade), aleatoriedade (des-teleologização), recorrência (lógica da sedução pelo pleonasma), incerteza (contra o princípio da razão calculadora), provisoriedade (contra-garantia de um futuro anunciado), precariedade (transparência, enfim, da vida humana) etc. Nos traços da pós-modernidade, joga-se toda a reconfiguração cultural historicamente representada pela emergência social do glocal.

Pródiga resultante do processo secular de dromocratização técnica e tecnológica, o glocal instala, nessa esteira, no plano da cultura, uma *dromocracia sígnica* sem horizontes senão ela mesma, com corrosivas conseqüências para a relação inter-remissiva entre signo e realidade e, conseqüentemente, para a própria lógica do simbólico e do sentido (BAUDRILLARD, 1981, 1983, 1987, 1989). Nesse âmbito, o glocal acelera, fragmenta e embaralha - quando não alucina e/ou dissolve - os termos e as coisas, e assim irradia o resultado para o social.

O glocal é o que permite as ações sociais do sujeito no plano da espiral sígnica em tempo real (seja *live*, seja *online*). Ele transforma a visibilidade mediática (de massa ou interativa) em campo de atuação humana.

Nessa esteira - a do embaralhamento das cartas do e sobre o mundo -, o glocal está na origem da esquizofrenia típica dos tempos atuais: a do sujeito perpassado pela mencionada espiral (BAUDRILLARD, 1987) e plasmado com o todo inespecífico da época, a partir do que lhe é íntimo, em seu campo próprio, e que neste, com efeito, sobrevém permanentemente a partir de alhures.

O glocal engendra socialmente, em escala nacional e internacional, uma nova hierarquia social com base na problemática do acesso às tecnologias e redes. Do glocal telefônico (de base) ao glocal ciberespacial, passando pelo glocal radiofônico e televisivo, consolida-se uma cadeia de estigmas velados, que diferencia sujeitos, grupos e países inteiros. O acesso cumulativo aos contextos locais não é objeto de distribuição social equitativa. Os tipos de glocal ultrapassados, esvaziados de todo *frisson* publicitário e mercadológico - tipos em torno dos quais não gira nenhum signo de *status* -, permanecem fadados aos *novos pobres* da civilização mediática. O acesso ao glocal de ponta - atualmente os *media* interativos portáteis, com acesso sem fio ao *cyberspace* - é privilégio que a história deposita sempre nas mãos da elite tecnológica.

3 A CIDADE NA CIVILIZAÇÃO MEDIÁTICA AVANÇADA: IMAGINÁRIO URBANO NA ERA DO GLOCAL, DA DROMOCRACIA E DA TRANSPOLÍTICA

No que tange à experiência urbana contemporânea, o fenômeno glocal, como representação mediática do estágio atual do desenvolvimento técnico e tecnológico, modula significativamente a relação com a cidade; ele re-condiciona essa experiência de maneira historicamente singular. A cidade é então vivida a partir de uma sensibilidade de mundo pressupostamente dromocratizada (em razão da introjeção irreversível do ditame da época) e de uma valoração indiscutível do conseqüente primado da transpolítica.

O conceito de transpolítica (TRIVINHO, 2005b) tem, no presente contexto, significado extensivo. Nomeia não somente a descrença radical em relação ao Estado, à cena política convencional e, por extensão, a todas as instituições herdadas da modernidade. Abrange também, nesse caminho, a indiferença em relação a toda a materialidade da superfície geográfica - organizada ou não em perímetros citadinos - em que até há poucas décadas se desenrolou exclusivamente a socialização da espécie humana. Nessa medida, o conceito de transpolítica implica tudo o que conduz a vivência para além da *pólis*, nos termos legados pela cultura clássica, e para além da metrópole, em sua configuração histórica recente. Por pressuposto, nomeia a tendência de inúmeros processos e fatos não passarem mais pela contabilidade das instituições herdadas da modernidade e, com isso, vigorarem ao largo de sua capacidade de controle (técnico, jurídico e policial). O fenômeno equivale a um descompasso abissal de competência entre a dromoaptidão (em escala geométrica) dos acontecimentos e tendências contemporâneos - socialmente fomentados pela colocação a público dos produtos da tecnociência - e a dromoinaptidão (de ritmo aritmético) do aparato institucional legado pelo iluminismo e pelo liberalismo oitocentistas.

Se o processo técnico e tecnológico secular de dromocratização da vida humana culmina, no século XX, na instituição do fenômeno glocal, a capilarização fractal dos contextos locais no tecido social, cumulativa à potência multiplicada da dromocracia no plano da cultura, contribui - entre outros fatores vinculados à promoção do entretenimento, do consumo narcísico e do hedonismo como regra existencial - para a consolidação da transpolítica como fenômeno heterodoxo contemporâneo.

Glocalização, dromocratização e transpolitização procedimentais da relação com o urbano: a cidade é vivida, respectivamente,

- via fluxos sígnicos,
- como espaço exclusivo de travessia e

- como objeto de depreciação subjetiva e de deserção nihilista.⁴

Lidos os três aspectos retroativamente: o desinvestimento denegatório da cidade é, obviamente, da mesma ordem do povoamento da rede (VIRILIO, 1984a, 2002). A suspensão da cidade como totalidade material resulta aparentemente compensada pela assunção imagética e virtual (espectral, *stricto sensu*) em vão da cidade criogenizada como mito histórico. Vítima de sua própria modernização continuada, a cidade se converte, a rigor, na socioespacialização da tela como espaço de recepção (no caso dos *media* de massa) e como campo de atuação literal (no caso dos *media* interativos), ambas as vias perfazendo uma aculturação múltipla e remissiva (em que se pressupõe a experiência atual da cidade) em estrita compatibilidade com a reprodução social-histórica da civilização mediática.⁵

O que se toma, acertadamente, como regressão histórica (incontornável, salvo melhor juízo) da ocupação do equipamento urbano (ruas, avenidas, praças etc.) não significa senão, mais amplamente, por ângulo diametralmente diverso, eleição e cristalização social fragmentária (não raro, oclusa) de novos espaços, temporários ou não, de sociabilidade confinada, concentrada e glocalizada (não por acaso, desdobrada sob forte predomínio de resíduos mediáticos: linguagem publicitária, fleuma de lazer, consumo etc.). Os contextos glocais residenciais socialmente espalhados inserem-se, prioritariamente, nessa tendência. Sob a égide do glocal e da glocalização, o espaço geográfico configura a periferia da vida humana e as redes comunicacionais, o seu respectivo centro socialmente descentrado.

Ao contrário do que proclama a cantilena apocalíptica, o processo de desaparecimento da cidade combina, pois, com o seu renascimento paradoxal e adulterado, ainda não de todo percebido, compreendido e/ou explorado pela teoria social contemporânea. Para além do local e do global, o espaço geográfico é tecnologicamente re-inventado, inscrevendo-se, em sua sobrevivência abstrata, na simulação (BAUDRILLARD, 1981) própria da cultura glocal de massa e em cada contexto glocal interativo. A cidade é, numa palavra, recriada no *campo próprio*, circunferência concreta e simbólica do corpo e da subjetividade, seja na esfera do trabalho, seja na do domo e demais redutos vinculados ao tempo livre (clubes, *shopping centers*, zonas de sociabilidade festiva etc.). A espacialidade minimalista do campo próprio passa a concentrar, de forma metonímica e em razão da potência gregária do glocal, a totalidade da representação cidadina. Esse excursão encerra, por seu turno, o quarto aspecto da dialética (imprevista) da cidade.

Na civilização mediática avançada, a cidade é, mais do que em qualquer outra época, uma construção literalmente imaginária. A esse respeito, cabe, para finalizar a

presente reflexão, um paralelo teórico *en passant*. A propósito da natureza do capitalismo na segunda metade do século XX, Debord (1989) pontuou que os seus rumos tecnológicos o converteram no que ele de fato era - algo imaginário. Assim se realizou também a cidade na história. *Mutatis mutandis*, Lacan (1978) reconheceu - não sem produzir celeuma - que o sexo não era real porque se realizava no imaginário. Tal postulado também tem validade extensiva. A relação (des)erótica (*lato sensu*) atual com a cidade - o flácido gozo do espaço urbano (para evocar ainda Lacan) - é da mesma natureza.

No limite, a evidência (mesmo que cerzida no imaginário social) de que, de toda forma, ainda vigora algo identitário ao conceito de cidade precisa ser colocada em xeque. Por certo, o que desapareceu foi um modelo de cidade e de experiência da mesma, em prol de outro, pelo qual e a partir do qual a condição urbana é reapropriada no universo do espectro. A probabilidade, porém, de que já não se trate mais de cidade - seja qual for o conceito em jogo - não pode mais escapar à observação ponderada.

Os quatro aspectos anteriormente assinalados constituem os principais pressupostos do imaginário urbano contemporâneo, pelo qual, com o qual e a partir do qual se processa a relação predominante com as estruturas citadinas herdadas da modernidade - vale dizer, os aspectos nucleares da experiência da cidade na civilização mediática avançada.

ABSTRACT

The paper intends to present mass media, specifically television, as a tool for the education of desire for harmonic cooperation, which is a condition for intercultural communication. The main points are basically three: 1) starting from the analysis of the Third Culture construction theory of F. Casmir, and 2) from the analysis of mass communication from the Critical Theory and Cultural Studies, as well as of the characteristics and effects of neotelevision, 3) a proposal about the mass media, particularly television, as a tool for the education of desire for harmonic cooperation is elaborated. The paper analyses three of the most important vector processes involved in the profound anthropological mutation of the urban experience: the *glocal*, *dromocrac* y and *transpolitics* processes, along with their derivatives, the *glocalization* and *dromocratisation* of individual and collective existence and the *transpoliticisation* of contemporary social trends. Heterodox modulators of the urban experience that have as yet been little explored by theoretical reflection, these matrix processes, by the fact of taking communication networks and technologies (mass and interactive) as their central premise, can explain three of the most important (and impressive) phenomena related to the city (as a social-

historical invention and as bequeathed urbanistic and architectural equipment) and the present experience of the city environment: [1] the reinvention of space in the context of access to communication networks (the *fractalised glocalisation of territory*), [2] the conversion of the city into passage flows (inasmuch as the traffic of information along networks is mirrored) (*urban dromocratisation*), and [3] the depopulation of the city's public areas - the prime location of political action and of the collective subject - in favour of new bastions of sociability that are created and decorated by a strong commercial and advertising concentration (*transpolitisation of the disinvestment in the inherited social sphere*).

Keywords: Mediatic civilization. City glocal.

RESUMEN

El artículo analiza los tres procesos vectoriales más importantes de la profunda mutación antropológica de la vivencia de la ciudad: lo glocal, la dromocracia y la transpolítica, así como sus derivaciones: la glocalización y la dromocratización de la existencia individual y colectiva y la transpolitización de las tendencias de lo social contemporáneo. Moduladores heterodoxos de la experiencia urbana -todavía poco explorados por la reflexión teórica-, esos procesos matriciales, al presuponer en el centro de la problemática las tecnologías y las redes comunicacionales (de masa e interactivas), explican, por su parte, tres de los fenómenos más importantes (e impresionantes) en relación a la ciudad (como invención socio-histórica y como equipamiento urbanístico y arquitectónico legado) y a la vivencia actual del environment ciudadano: [1] la reinención del espacio en el contexto del acceso a las redes de comunicación [glocalización fractalizada del territorio], [2] la conversión de la ciudad en flujos de pasaje (al espejarse en el tráfico de informaciones en las redes) [dromocratización urbana] y [3] el despoblamiento de los espacios públicos de la ciudad -lugar por excelencia de la acción política y del sujeto colectivo- en pro de nuevos reductos de sociabilidad, urdidos y engalanados por una fuerte concentración publicitaria y comercial (transpolítica de la desinversión en lo social heredado).

Palabras claves: Civilización mediática. Ciudad glocal.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacres et simulations*. Paris : Galilée, 1981.

_____. *Les stratégies fatales*. Paris : B. Grasset, 1983.

_____. *L'autre par lui même*. Paris: Galilée, 1987.

_____. Asphyxie de la communication. *Comunicação & política* : revista do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (CEBELA), São Paulo, v. 9, n. 2-4, p. 109-114, jun./dez. 1989.

DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Paris: Champ Livre, 1989.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna** : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo** : a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

LACAN, Jacques. **Escritos** . São Paulo: Perspectiva, 1978.

TRIVINHO, Eugênio. **O mal-estar da teoria** : a condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001a.

_____. Glocal: para a renovação da crítica da civilização midiática. In: FRAGOSO, Suely; FRAGA DA SILVA, Dinorá (Org.). **Comunicação na cibercultura** . São Leopoldo: Unisinos, 2001b. P. 61-104.

_____. Comunicação, glocal e cibercultura: “b unkerização” da existência no imaginário mediático contemporâneo. *Revista Fronteiras : estudos midiáticos* , São Leopoldo, v.7, n.1, p.61-76, abr. 2005a.

_____. Introdução à dromocracia cibercultural, *Revista Famecos* , Porto Alegre, n. 28, p. 63-78, dez. 2005b. A versão sinóptica de Dromocracia, cibercultura e transpolítica: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização midiática avançada. São Paulo, 2005b. 26 p.

VIRILIO, Paul. *L'espace critique* . Paris: Christian Bourgois, 1984a.

_____. **Guerra pura** : a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984b.

_____. *L'inertie polaire* : essai. Paris : Christian Bourgois, 2002.

_____. *La vitesse de libération* . Paris: Galilée, 1995.

_____. **Velocidade e política** . São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

¹ Texto de referência da palestra ministrada em 23/08/2005 no Simpósio Internacional “Interfaces das Representações Urbanas em Tempos de Globalização” (mesa-redonda “Sociedades em redes, cidades globais, tecnologias informacionais e a construção da vivência urbana contemporânea”), organizado pelas Faculdades de Arquitetura, Artes e Comunicação e de Ciências da UNESP- *Campus* de Bauru, pela AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros e pelo SESC - Serviço Social do Comércio (Bauru), e realizado nas dependências desta última instituição. O artigo é egresso do Projeto de Pesquisa “Comunicação, existência e tempo real: investigação sobre a significação social-histórica do fenômeno glocal na civilização midiática avançada”, em desenvolvimento no PEPGCOS-PUC/SP, sob os auspícios do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa). A argumentação, consolidada em versão sinóptica (a ser, portanto, desdobrada e melhor formalizada), concentra, com efeito, as principais temáticas e linhas de força da proposta teórico-epistemológica encaminhada à discussão no evento.

² É assim que o fenômeno glocal alcança, por extensão, a condição *sine qua non* de existência urbana do sujeito, doravante em direta vinculação (não raro, subordinação) com os *media* , com as suas paisagens específicas (a da visibilidade mediática) e com a sua imediatez. O assunto é abordado no próximo tópico.

³ Em outras palavras, o processo histórico de dromocratização da vida humana engendra, no século XX, o fenômeno glocal e o processo de glocalização, e estes, por sua vez, condicionam o

aparecimento da transpolítica e da transpolitização das práticas sociais em relação à cidade. Veja-se, a respeito, o próximo tópico.

⁴ A consequência cultural mais notável desse processo é que a cidade deixa de ser fonte definida de identidade cultural, aspecto relevante da presente temática, aqui com efeito preterido. O espaço citadino se tornou um não-lugar difuso de circulação de fluxos de pessoas e objetos tecnológicos e, ao mesmo tempo, um não-lugar de pulverização das consequências culturais desse acontecimento-fluxo que é a civilização glocal.

⁵ Note-se que dizer isso é mais que reconhecer que, nessa civilização, a cidade se liquefaz na ordem da materialidade para ser reapropriada como imagem (lendária) nas telas de cinema (VIRILIO, 1984b).